



ANO 2  
EDIÇÃO 07

# Pequiá

Literatura Sesc









# carta ao leitor

A revista de literatura pequiá, uma realização do Sistema Fecomércio - CE em parceria com a Universidade Federal do Cariri, através da PROÇULT, apresenta, em sua sétima edição, o mesmo compromisso de ser esse elemento de estímulo e difusão da literatura e leitura.

A edição número 7, de 2019, trás entrevistas com o poeta maranhense Celso Borges; Ethel de Paula nos apresenta um perfil do flâneur terceiro-mundista-sem-paisagem e dândi desafortunado das ruas de Fortaleza, Mário Gomes; o poeta da Via Láctea, Olavo Bilac, aparece mais vivo do que nunca na nova teia literária do chamado pós-modernismo; o caderno de poesia trás a voz de três poetisas: Marta Eugênia (AL), Anielle Oliveira (BA) e Debora Arruda (SE); quem assina a crônica desta edição é o cearense Marco Severo; o caderno de conto trás a prosa ácida de Bruno Ribeiro. Fechando nossa edição temos a resenha, assinada por Bibiana Belisário, do livro "Torto arado", do premiado autor baiano Itamar Viera Júnior, numa trama conduzida com maestria e com uma prosa melodiosa, o romance conta uma história de vida e morte, de combate e redenção.





## **EXPEDIENTE**

**Edição 7 | Outubro/Novembro 2019**

### **FECOMÉRCIO | SESC**

**DEPARTAMENTO REGIONAL DO SESC/ AR-CE**

**Presidente:** Maurício Cavalcante Filizola

**Diretor Regional:** Rodrigo Leite Rebouças

**Diretora de Programação Social:** Patrícia Carnevalli R. de Paiva

**Diretora Administrativa:** Débora Sombra Costa Lima

**Diretor Financeiro:** Gilberto Barroso Frota

**Consultor de Programação Social:** Chagas Sales Nogueira Lima

**Analista de Programação Social:** Maria Bezerra

### **UNIDADE CRATO DO SESC**

**Gerente:** Heliane Aragão Pereira

**Supervisor de Cultura:** George Belisário

**Programa Cultura Sesc Crato:** Suzana Carneiro, Gabriel Campos,

Socorro Dantas, Talita Rocha e Rafélia Custódio Dias Bezerra

### **UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI - UFCA**

**Reitor:** Ricardo Luiz Lange Ness

**Vice-Reitora:** Laura Hévila Inocêncio Leite

**Pró-Reitor de Cultura:** José Robson Maia de Almeida

**Coord. de Política e Diversidade Cultural:** Gustavo Ramos Ferreira

### **REDAÇÃO**

**Repórter:** Mychelle Santos

**Colaboradores:** Anielle Oliveira, Bibiana Belisário, Bruno

Ribeiro, Celso Borges, Débora Arruda, Ethel de Paula, Marco

Severo e Marta Eugênia

**Curadoria:** George Belisário e Gustavo Ramos

**Projeto Gráfico:** Estúdio Caravelas / Hanna Menezes

**Diagramação:** Paulo Anaximandro Tavares

**Foto de capa:**

**Fotos Mário Gomes:** Deivyson Teixeira/Jornal O Povo

**Ilustrações:** Espedito Duarte, Júlia Marques, Letícia Lima e

Mychelle Santos

**Revisão:** Márcia Araújo





# tópicos



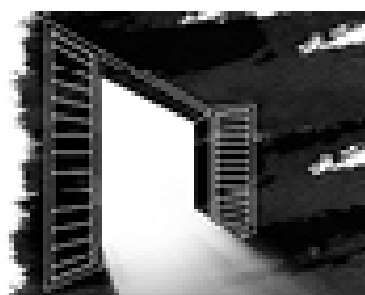
*Mário Gomes (1947-2014) foi um misto de flâneur terceiro-mundista-sem-paisagem e dândi desafortunado das ruas de Fortaleza. Escolheu viver solitário e em deriva e deixou uma obra poética elogiada pela crítica. Confira perfil do poeta escrito por Ethel de Paula.*

06



*Conheça a trajetória do poeta e compositor maranhense, Celso Borges, entrevistado dessa edição. Ele participou do Festival da Palavra, projeto do Sesc-Crato. Celso rompe fronteira e reúne música e poesia num rico mosaico literário.*

22



*O nome de Olavo Bilac, o poeta da Via Láctea, ainda brilha em meio as estrelas contemporâneas. Leia poemas de Marta Eugênia, Anielle Oliveira e Deborá Arruda e a Crônica "Perder-se. Encontrar-se" de Marco Severo*







# acont ecências

## **Guia do Crowdfunding BR**

A Editora Wish prepara para fevereiro a obra *Crowd* – o guia do financiamento coletivo para autores e editores de livros, primeira obra totalmente voltada para o crowdfunding de publicações. Desenvolvido por Marina Avila e Valquíria Vlad, responsáveis pela Wish, o guia parte da origem do cooperativismo até chegar aos cenários nacional e estrangeiro de financiamento coletivo, analisando cases de sucesso e campanhas que não atingiram a meta, com uma metodologia estratégica e dinâmica a fim de apresentar passo a passo como estruturar um projeto com tudo para ser bem-sucedido.

## **Diamant novamente curadora da Flip**

A Flip anunciou a recondução de Fernanda Diamant à curadoria da sua 18ª edição, marcada para acontecer entre os dias 29 de julho e 2 de agosto de 2020. Formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Fernanda foi editora de livros por dez anos e é uma das fundadoras da revista Quatro Cinco Um, onde atualmente cuida da editoria de divulgação científica.

## **50 anos d'“O gênio do crime”**

Reedição de *O gênio do crime*, sai em comemoração aos seus 50 anos de lançamento. A obra, que em 2019 completa 50 anos de





# per fil

## MÁRIO GOMES

### **Uma vida dentro dos sapatos**

*Texto | Ethel de Paula*

*Fotos | Deivyson Teixeira/Jornal O Povo*

A repórter Ethel de Paula seguiu à risca um conselho dos bons e antigos jornalistas: só gastando muita sola de sapato se obtém boas histórias. Ethel não deixou por menos. Garimpou muitas histórias - perfis, entrevistas, reportagens. Passou pelas redações do jornal O Povo e Diário do Nordeste, mas foi como editora da revista Farol, publicação da Secultfor, de 2006 a 2012, que desvendou













Mário Gomes (1947-2014) foi um misto de flâneur terceiro-mundista-sém-paisagem e dândi desafortunado das ruas de Fortaleza. Escolheu viver solitário e em deriva perene pelos interstícios da cidade desde os 20 anos de idade, depois de ser banido de casa pelo pai por descumprir regras de conduta doméstica incompatíveis com seu gosto explícito pela boemia e uma assumida falta de vocação para o trabalho. Aos 67 anos, idade em que falece, o homem errante, estranhamente ativo em seu precário desalinho de roupas sobrepostas, ainda gabava-se de só ter tido carteira-assinada por um ano apenas, prova incontestada de sua inadequação ambulante e da vagabundagem decantada como filosofia de vida.

Palavras suas: “Eu não tenho vocação pra trabalho... não tenho vocação pra trabalhar pra ninguém não. Trabalhar pros outros? E por acaso eu tô com fome? A estrada é fechada? O cara ser vagabundo e louco não é contra lei não, rapaz! Realmente eu sou vagabundo. Vagabundo é o cara que não tem vocação para trabalho nenhum. Eu nunca vi nada bom em trabalhar. Se o vagabundo quer trabalhar ele deixa de ser vagabundo. Eu não trabalho pra não desclassificar a classe trabalhadora. Vagabundo não precisa de nada. Tem







Mário Gomes foi um misto de flâneur terceiro-mundista-sem-paisagem e dândi desafortunado das ruas de Fortaleza.

confinamentos e tratamentos controversos, acabando por vencer pelo cansaço todas as investidas de controle e disciplina impostos, isso depois de ser enfim diagnosticado

como psicótico crônico e conquistar o direito à aposentadoria por invalidez: um salário-mínimo mensal e vitalício. Assim, gozando de uma espécie de salvo-conduto, pôde voltar à casa dos pais para viver a seu modo, na pele de inveterado boêmio, poeta-andarilho e vagabundo confesso.

Livre das amarras, Mário Gomes elegeu a errância sem finalidade pelas ruas como modo de vida. Só ia à casa dos pais, no bairro Bom Sucesso, periferia de Fortaleza, para refazer-se das farras e noitadas curtidas junto à arraia miúda do Centro da cidade, entre botequins, restaurantes populares e pensões alegres. Lá, após algum descanso, tomava banho, vestia roupas limpas e elegantes, se alimentava e deixava que a mãe, dona Nenzinha, diluísse um combinado de psicotrópicos em sua









Na Praça do Ferreira, principal logradouro de Fortaleza, Mário Gomes criou o seu mundo

de sua lavra, ainda que em tiragens irrisórias. Assim, não tanto pelos escritos em si, mas pela atitude plástica e poética que tornou possível sua inscrição errática no mundo, entrou para o imaginário coletivo da cidade como o “poeta da Praça do Ferreira”, autor de poemas sarcásticos e surrealistas, tão excêntrico quanto intrigante. Entre curiosos e letrados, foi na Praça do Ferreira,







Hora e a sombra dos benjamins, bem em frente ao cinema São Luiz.

Como ponto de encontro fluido e sem paredes, seguiu ativo até meados da década de 1990, reeditando o ritual de rodas de conversa formadas em torno do anfitrião bonachão que, diariamente, vestia a sua melhor roupa e vinha do bairro de origem, o Bom Sucesso, até a Praça do Ferreira, com um único intuito: dizer o ouvir poemas





Era o que constatava, dia após dia, entre nostálgico e inconformado, o poeta-andarilho em sua errância teimosa, sempre tendo como parada obrigatória e ponto de irradiação a Praça do Ferreira. Um eterno retorno que durou até o último dia de 2014, quando faleceu vítima de anemia e desidratação profundas. Em seus últimos anos de vida, portanto, não era surpresa ainda vê-lo circundando o banco-escritório que há muito não gozava de cúmplices ou frequentadores assíduos. Sozinho e curvado sobre si, o poeta-andarilho seguiu repetindo percursos habituais até se despedir do mundo, sempre no rastro dos nichos culturais onde era bem-vindo e reconhecido como poeta outsider. Assim, diariamente, ele podia ser visto, sem falha, entre a Praça do Ferreira e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema, lugares de fluxo e convergência de onde invariavelmente partia para perambulações por outros bairros.

No Centro da cidade, difícil é encontrar quem não tenha conhecido o poeta ou colocado os olhos curiosos sobre ele, ao menos uma vez. Até hoje, os comerciantes do entorno falam de um tempo em que era “bom da cabeça”, corpulento









Vagabundo é o cara que não tem vocação para trabalho. Se o vagabundo quer trabalhar ele deixa de ser vagabundo. Eu não trabalho pra não desclassificar a classe trabalhadora

o tratamento psiquiátrico contínuo até então administrado por ela. O poeta não confirmava nem desmentia as lendas em torno de si. Seguia falando sozinho, não pedia esmolas,

não conversava com qualquer um, e, gozando de crédito a fundo perdido junto a ambulantes, sempre carregava cigarros e birlita no bolso. Outro “vício”: era “assinante” confesso da revista Playboy, comprando edições antigas a preços módicos nas bancas de revista da Praça do Ferreira. Os amigos conhecedores de seu passado também lhe faziam cortesia. No Duda’s Burguer, lanchonete contígua à Praça, tinha carta branca do dono para entrar, beber água e comer livremente, tanto quanto quisesse. Quase nunca queria, porque imperativo era a cachaça. Mas se a fome batesse entre uma ressaca e outra, a boca já quase sem dentes de sexagenário errante só lhe permitia ingerir alimentos pastosos, como o vatapá que, só para ele, podia ser servido em copo de plástico.













“Ninguém mora na rua.  
A gente mora dentro da  
gente. Moro dentro de mim,  
dentro dos meus sapatos.  
Meu carro é meu corpo.  
Minha casa também. No  
dia em que for embora  
o carro vai pra sucata e  
a casa desmorona. Meu  
nome é Pensamento”,  
apresentou-se.

roupas a céu aberto,  
onde casacos, calças  
e camisas estariam  
embaixo de pedras  
e árvores que só ele  
identificava.

Na rua, flagrantes  
de amor próprio:  
ao se deparar com  
qualquer espelho,  
montava e remontava  
o figurino, mirava-se  
durante horas e era  
capaz de conversar

com a própria imagem aos risos, olho no olho,  
em dialeto quase indecifrável. Tesourinha em  
punho, o despudorado habitué das ruas ia além:  
alinhava o gesto, envergava ainda mais o corpo e  
saía aparando cabelo, barba, bigode e pêlos das  
narinas, milimetricamente. Assim, admirando-se em  
diferentes ângulos, destacado do mundo, parecia  
satisfeito e em paz com o que via refletido.

Vaidoso confesso, Mário Gomes não cansava de  
inventar arranjos plásticos e novas bricolagens  
a cada dia para sua indumentária de cavaleiro  
andante. Em suas mãos, uma simples tira de pano









Ao se deparar com qualquer espelho, montava e remontava o figurino, mirava-se durante horas e era capaz de conversar com a própria imagem aos risos, olho no olho, em dialeto quase indecifrável

em exhibir a cerçola cor de abóbora repuxada de dentro da calça frôuxa que compunha o paletó sem gravata, sua inseparável marca-registrada. Sobre a origem da peça mais importante de seu vestuário torto, colecionava estórias: “Eu tava na praça e um senhor

chegou perto e disse: “Rapaz, você tem estilo cinematográfico! Vou te dar o terno do dia do meu casamento! E deu!”, gabava-se, experimentando a peça ali mesmo na Praça, sob sol a pino. Passos adiante, criava uma segunda versão: “caiu lá de cima de um condomínio, quando eu tava passando ali pelo Papicu... Vi que aquilo tinha qualidade, Pierre Cardin, e apanhei do lixo”, disparava, em tom de especialista no assunto.

Entre “tiradas” e galhofas, o outsider que, ainda em idade escolar, questionava professores em sala de aula e, aos 18 anos, chegou a dar aulas de













incomuns, vistosos, de uma elegância ímpar, mesmo quando precários ou gastos.

“Sou obrigado a gostar de me vestir, ora! Quero cobrir minha nudez porque se não vou ser castigado por atentado ao pudor! Não diz que toda nudez será castigada?”, ilustrava, rindo-se, emendando de bate-pronto uma ressalva galanteadora: “a nudez no homem é castigada, na mulher é adorada! Adoro nu artístico!”. Mulheres, eis a maior personificação do belo que Mário Gomes não cansava de cortejar e reverenciar em ditos e escritos. Tal qual Baudelaire (1821-1867), o poeta francês para quem “a mulher é antes uma divindade, um astro que preside todas as concepções do cérebro masculino”, Mário Gomes escreveu, ao seu estilo, um elogio igualmente enfático ao sexo feminino. Antropofagismo, o poema, não tem meias palavras nem economia de adjetivos ou predicados:

*Eu, sem ser antropófago, já saboreei muita gente por aí.*

*Minhas preferências são os esbeltos, violônicos corpos femininos: a mulher.*

*Ah! Se a humanidade fosse toda antropófaga como eu teria o prazer de ser devorado*

*em um banquete ou bacanal de lindas*





Gostosos e despretensiosos, os poemas de Mário Gomes também dizem sobre o poeta de encanto cambiante que sabia rir de si e até já havia escolhido a frase de seu epitáfio: “Já que a natureza/me trouxe chorando/deixai, ó morte/que eu morra rindo de ti”. Boa praça sim. Mas que ninguém se arvorasse a confundi-lo com mendigo, pedinte ou morador de rua. “Ninguém mora na rua. A gente mora dentro da gente. Moro dentro de mim, dentro dos meus sapatos. Meu carro é meu corpo. Minha casa também. No dia em que for embora o carro vai pra sucata e a casa desmorona. Meu nome é Pensamento”, apresentou-se.

Altivo mesmo quando barrado à porta da Academia Cearense de Letras, ele próprio se autoconsagrava: o anel de “juiz de Direito” que trazia no dedo, desfalcado de pedra preciosa, figurava como o acessório mais-que-perfeito a coroar sua errância sem casta, sem canudo e sem capital. Da cabeça aos pés, o controverso charme do homem das multidões, que tinha a rua como casa e nela se sentia à vontade, não sucumbira jamais. Pente fino; espelho portátil, sabonete Johnson´s; barbeador descartável; panos e mais panos coloridos entocados nos muitos bolsos do paletó. Em cada “inutensílio”, um rastro de beleza velada – ou “a







protegia da multidão. Ciente do próprio magnetismo e de uma inteligência refletida no gesto, Mário Gomes, o poeta-andarilho, esbanjava o que Nietzsche chamou em um de seus aforismos de “o charme da imperfeição”, traço com o qual também se reinventou e se fez reconhecer, estranhamente,







# Na rotação do dia, poeta do sol e da lua

## **Uma violenta orgia universal**

Olhei o sol.

Me irreitei

E larguei a mão na cara dele.

No qual ele ficou

Desacordado por 12 horas ininterruptas.

Dei um ponta-pé nos ovos da terra.

Afastei São Jorge

E mantive relações sexuais com a lua.

Pisoteei o cadáver de satanás

Numa esquina encontrei-me com Deus

E saímos abraçados: rindo e cantando.... Chovia

## **Quando eu morrer**

Quando eu morrer

Irão distribuir minhas camisas,

Minhas calças, minhas meias, meus sapatos.

As cuecas jogarão fora.

Ninguém usa cueca de defunto.





# Entre vista



## CELSO BORGES

### **No instante do tempo**

Entrevista | José Anderson Sandes e Mychelle Santos

O poeta maranhense Celso Borges traz na escrita

uma reflexão sobre o tempo e a memória. O texto é de José Anderson Sandes e Mychelle Santos.





na minha vida: São Luís e São Paulo” - e retornou para São Luís em 2009. Jornalista, Celso passou pelo batente das redações, do rádio e da tv, mas a literatura pulsou mais forte na sua vida. São 14 livros - está terminando um novo “livrinho” da série Poesia afetiva” e um outro sobre a saga de sua família - seus pais são migrantes portugueses - “família de sete irmãos, três Antonios e quatro Marias. O livro vai se chamar Quase Todos os Dias. Já tenho mais de 200 laudas escritas”. Celso Borges participou, de 15 a 18 de outubro passado, do Festival da Palavra - O movimento das letras que gritam por liberdade, promovido pelo Sesc-Crato. O evento reuniu poetas locais e de outras regiões do país. Aconteceu em diversos palcos na escola Polivalente e principalmente na Praça Siqueira Campos, todos no Crato. Nesta entrevista, ele fala de poesia, música, projetos, jornalismo e de muita literatura. Confira trechos.

**PEQUIÁ |** Celso, você nasceu no Maranhão, terra de Ferreira Gullar e de tantos outros poetas dos Século XIX e XX. Essa herança espraia-se pelos dias de hoje?

**CELSO |** Sim, temos uma história literária cheia de grandes poetas. Há um simbolismo em torno disso, que já faz parte da tradição. Essa fama







Silva. Roberto Kenard, Fernando Abreu, Paulo Melo Sousa, Antonio Ailton, Josóaldo Lima Regó, Reuben da Rocha, Jorgeana Braga, Lúcia Santos, Dyl Pires, Félix Alberto Lima, entre outros.

**PEQUIÁ** | Quais suas primeiras influências?

**CELSO** | Gullar e Neruda foram, sem dúvida, as duas primeiras grandes influências. A leitura do Poema Sujo, de Gullar, escrito no exílio, foi fundadora, falava sobre uma São Luís de uma forma que eu nunca tinha lido antes. De Neruda, o Canto Geral me impressionou pelo Chile que o artista me apresentava e que carregava com ele, além da lírica amorosa dos Vinte poemas de amor.

**PEQUIÁ** | Você começou a escrever poemas ainda adolescente. Conte esse processo.

**CELSO** | Comecei a escrever poesia aos 17, 18 anos. Antes disso, já era um leitor dos clássicos juvenis, principalmente do universo da prosa. O amor pela poesia veio um pouco depois: Neruda, Gullar e Thiago de Melo foram os primeiros. Gostava também naquela época, finais dos anos 1970, dos mais engajados. Quando eu tinha 13, 14 anos, havia uma coleção, acho que da Abril Cultural, com tradução de clássicos da literatura juvenil. Foi ali que descobri Tom Sawyer, de Mark Twain, Viagem ao redor da lua e Viagem ao mundo em 80 dias.





Thiago de Melo, Cecília Meireles e os modernistas brasileiros.

**PEQUIÁ** | E sobre o processo de escrita ainda nos anos verdes?

**CELSO** | Eu me apaixonei violentamente por uma menina e a poesia foi a forma que encontrei para tentar explicar aquilo que estava acontecendo



Naquele momento, me senti atraído por aqueles versos coloquiais, de rua, despojados, sem o rigor acadêmico

comigo. A experiência do amor sempre foi um motor importante no meu processo de criação. Nunca mais fui o mesmo por causa disso e a poesia passou a ser a minha resposta ao mundo e às

experiências que eu vivia. E vai ser assim até o fim.

**PEQUIÁ** | Você começou a escrever nos anos de chumbo. Esse contexto de ditadura foi bom ou ruim, já que tínhamos uma poesia marginal bem sofisticada e contrária ao regime militar ?

**CELSO** | Enfrentar a ditadura era também um motor para a criação. No caso da poesia marginal, aquela da Zona Sul carioca, só fui conhecer um pouco depois, na primeira metade dos anos 1980, quando







o seu primeiro livro. Naquele momento, me senti atraído por aqueles versos coloquiais, de rua, despojados, sem o rigor acadêmico. Até ali, minha influência maior vinha da estética gullariana, presente, sobretudo, no meu segundo livro, *No instante da cidade*, de 1983.

**PEQUIÁ** | Mas você já era poeta no contexto da repressão?

**CELSO** | Não sofri diretamente a repressão. No caso de São Luís, os compositores de música popular foram os que mais sofreram. Tinham que mandar suas canções para a censura liberar, etc. O pessoal do teatro, também, mas desconheço algum livro ou poeta que tenha sido censurado, como o foram algumas canções de César Teixeira, por exemplo, que é um dos nossos compositores mais importantes. Quando começamos a escrever e gritar os poemas engajados, a ditadura já não tinha tanta força para nos impedir.

**PEQUIÁ** | Fale da sua infância no Maranhão, seus pais, irmãos...

**CELSO** | Nasci no centro da cidade, no largo de São João, em frente a uma igreja católica. Até seis anos de idade, ainda via os bondes circularem pelas ruas, a gente jogava bola na pracinha, nas manhãs de domingo. Nas férias íamos para o













Não sou contra o artista  
fazer parcerias com o poder  
público, mas ele não pode  
ser escravo desse poder,  
depende dele

e quatro Marias. O  
livro vai se chamar  
Quase Todos os Dias.  
Já tenho mais de 200  
laudas escritas.  
**PEQUIÁ** | Pulando  
da poesia, de  
tantas leituras e  
lembranças, como o

Jornalismo aportou em sua vida?

**CELSO** | Me formei em jornalismo em 1982 e  
sempre trabalhei na profissão, em televisão, rádio  
e jornal impresso. Hoje faço mais assessorias de  
imprensa de projetos culturais. Adoro rádio e TV,  
principalmente rádio, trabalhar com música, uma  
de minhas paixões. A canção popular me enche de  
alegria. Fiz também durante muito tempo edição  
de textos para telejornais e documentários. Isso  
me ajudou a cortar, editar, pensar na palavra  
editada, sua espacialização na página. O som da  
palavra sendo ouvida e transformada, os diferentes  
mosaicos de um texto.







possibilidades de inserção no mercado de trabalho eram maiores.

**PEQUIÁ** | Qual a sua interpretação do Jornalismo brasileiro, de ontem e de hoje?

**CELSO** | A imprensa tradicional quase sempre está comprometida com o que há de pior da nossa sociedade, com as forças conservadoras. Ontem e hoje. No passado, claro que houve alguns momentos de resistência, de poucos veículos, de alguns jornalistas corajosos. Atualmente a gente vê, aqui e ali, na internet, principalmente, jornalistas e programas de qualidade, progressistas. Quase nunca vejo as TVs abertas, fico indignado. William Bonner, Miriam Leitão, Merval Pereira e Boris Casoy, entre tantos outros, me dão vontade de vomitar.

**PEQUIÁ** | Política e jornalismo parece sempre andarem de mãos dadas no nosso processo histórico e o Maranhão foi uma espécie de capitania hereditária regida pela família Sarney...

**CELSO** | Sarney sempre foi um liberal que se aliou com quem podia mantê-lo no poder. Assim foi na época da ditadura, depois na Nova República e mais tarde com FHC, Lula etc. Apoiou a todos. Se vivesse mil anos estaria ao lado dos que estão mandando. É muito inteligente e tem boa formação cultural, mas e daí? Quando esteve no





nada para quem tinha como um dos slogans de sua campanha ao governo a frase “A poesia no poder”.

**PEQUIÁ** | Essa oligarquia atrapalhou muito o processo de arte e artistas do Maranhão?

**CELSO** | Os artistas provincianos, de São Luís ou de qualquer outro lugar, sempre esperam pelo poder público para fazer seus shows, gravar seus discos, lançar seus livros. Os dois lados, o do artista e o do poder, se ajudam, se atrapalham e se diminuem. Não sou contra o artista fazer parcerias com o poder público, mas ele não pode ser escravo desse poder, depender dele. As oligarquias adoram ver os artistas comendo em suas mãos para poderem mantê-los próximos, imobilizados, sem a rebeldia essencial que temos que manter viva dentro e fora da gente.

**PEQUIÁ** | O que o impulsionou a mudar-se para a “Paulicéia Desvairada”?

**CELSO** | Duas coisas: primeiro me apaixonei violentamente por uma menina de lá, que morou um tempo em São Luís. Depois, por uma necessidade de conhecer outros lugares, pessoas, vivências, experiências profissionais, etc. Morei em São Paulo 20 anos intensos e sempre que volto me sinto em casa. Costumo dizer que tenho dois santos na minha vida: São Luís e São Paulo. Ali fiz muitos





Lira, artistas de várias cidades do país respirando aquela cidade, diversa e plural.

**PEQUIÁ** | Mesmo em São Paulo o Nordeste ficou presente em sua poesia?

**CELSO** | O Maranhão fica no Nordeste e São Luís fica no Maranhão. Minha poesia está chapada dessa cidade, fundada em 1612 pelos franceses e colonizada pelos portugueses, uma mini Lisboa misturada com o som e o batuque que nasceram









com pessoas e artistas de diferentes cidades, convivendo comigo naquele espaço físico de muitas referências culturais. Uma vida cultural intensa e plural. Adoro isso. A espacialização do poema na página mudou, a fragmentação me abraçou em muitos textos, muitas referências num mesmo livro. Comecei a experimentar formas diferentes de dizer poesia, realizando projetos de poesia no palco, gravando poemas com interferências sonoras, etc.

**PEQUIÁ** | O concretismo?

**CELSO** | Também, mas eu já vinha namorando referências e desdobramentos do concretismo desde São Luís. Em São Paulo, num espaço urbano cosmopolita, verticalizado, passei a sentir na pele e no peito o concretismo que estava apenas nas páginas dos livros.

**PEQUIÁ** | Fale do seu processo de escrita.

**CELSO** | É muito variado. Tenho uma agenda pequena onde faço algumas anotações e depois coloco no computador. Se não tiver com a agenda, anoto em qualquer pedaço de papel. Se não tiver papel, fico repetindo na cabeça. Isso em qualquer lugar e circunstância. No trabalho e fora dele, no carro, no banheiro, no teatro, dando um abraço, um beijo, ouvindo música, vendo um filme, um quadro, conversando, caminhando, aqui e ali uma palavra





edições em formato pequeno, com tiragem limitada. Parceria com o fotógrafo Márcio Vasconcelos (A árvore envenenada), os artistas plásticos Cláudio Costa e Fernando Mendonça (Nonada e O drible) e projeto gráfico de Claudio Lima.

**PEQUIÁ** | Existem muitas diferenças de um livro para o outro?

**CELSO** | Sim, porque foram escritos em tempos diferentes, com influências diferentes, às vezes em cidades diferentes.

**PEQUIÁ** | Você tem três livros CDs: XXI (2000), Música (2006) e Belle Époque (2010). Fale desses projetos.

**CELSO** | É uma trilogia que chamo de A posição da poesia é oposição. No final da década de 1990 comecei a me interessar por uma aproximação maior entre música e poesia, que desembocou na publicação desses três trabalhos, além dos projetos de palco, que passei a fazer, quase como um desdobramento das gravações. Os livros CDs têm também um espírito coletivo, já que reúnem dezenas de artistas de todo o país. No primeiro, XXI, coloquei 21 poetas locais lendo meus versos e fiz as trilhas com o baixista Paulo Le Petit, da banda Isca de Polícia, que acompanhava Itamar Assunção.

No segundo,







intensos, achei que qualquer leitura musical soaria um excesso. Por isso, o disco Quase, no encarte, está repleto de silêncios, explicados na última faixa: Essa espera, esse silêncio, essa angústia é o próprio... parecia perto, parecia prestes a, mas às vezes é assim: NÃO.







Fizemos várias apresentações, três delas muito importantes: no Free Jazz Festival (2005), no projeto Outros Bárbaros, no Itaú Cultural (2005 e 2007), ambas em São Paulo; e em São Luís, no BR 135 (2016). Eu nos vocais, Otávio Rodrigues nas trilhas e backings; o saudoso Gerson da Conceição,









Com fascismo ou não, a poesia está sempre viva. A gente escreve, cria, berra porque morre se não fizer isso, independentemente de qualquer sistema de governo

palco: A posição da poesia é oposição, com o guitarrista Christian Portela e o percussionista Luiz Claudio, e Sarau Cerol com o compositor e DJ Beto Ehongue. Com eles, fizemos apresentações em várias cidades:

Teresina (PI), Fortaleza, Juazeiro do Norte (CE), Montes Claros (MG) e Palmas (TO).

**PEQUIÁ** | Falamos da poesia marginal do tempo da Ditadura, hoje temos também no Brasil coletivos de poetas marginais. Quais as diferenças entre estes dois contextos?

**CELSO** | Esses coletivos são muito importantes porque eles vêm contribuindo para a descentralização dos locais onde aconteciam os recitais. Muitos desses coletivos vêm das periferias, com influência do rap. Eu gosto desse movimento, eles ocupam praças e ruas, recitam bem, tem muito vigor.

**PEQUIÁ** | A editora, a circulação, a mídia tradicional, os prêmios de poesia são importantes ou não para









Festival Grito Pro Rock 2 Circo da Cidade, João Pessoa, março de 2011

Quanto às redes sociais, também são importantes, devemos ocupá-las com qualidade. Mas eu continuo adorando os livros de papel, gosto do cheiro, do toque, do objeto. Quero que as pessoas que adquiriram meus livros tenham prazer em abri





por meus parceiros mais freqüentes: Zeca Baleiro, Assis Medeiros, Alê Muniz, Nosly, Marcos Magalhães e o querido Gerson da Conceição, que perdemos recentemente. Cada um deles, apesar de ter uma pegada pessoal, tem uma musicalidade que me comove. Adoro estar com eles e fazemos canções de diferentes formas. A minha preferida é quando sento ao lado de cada um, às vezes com a letra quase pronta, outras vezes inventando novos versos durante o encontro. E depois de alguns minutos, eis o milagre de podermos tocar no violão e ouvir uma nova canção pronta. Que maravilha!

**PEQUIÁ** | Você também editou a revista Pitomba...

**CELSO** | Na verdade, a Pitomba foi uma revista que teve apenas seis edições, entre 2011 e 2013. Eu era um dos editores, juntamente com Bruno Azevedo e Reuben da Rocha. A revista era uma publicação marcada pela pluralidade de linguagens; poesia, prosa, fotografia, quadrinhos, artes plásticas, etc. Publicávamos basicamente artistas do Norte e Nordeste, uma reação ao monopólio do eixo Rio - São Paulo. Sempre gostei de revistas culturais. Nos anos 1980, participei como coeditor de duas outras publicações: a Guarnicê, entre 1983 e 1986, e a revista Uns & Outros, da Akademia dos Párias, entre 1984 e 1988.





José Ewerton, Wilson Marques e Samarone Marinho. Há quem transite em duas linguagens, prosa e poesia, como é o caso de Samarone. E Diego Dourado, que é poeta, performer e artista visual.

**PEQUIÁ** | O Brasil hoje está dividido desde as últimas eleições. Como a poesia sobrevive nesse contexto?



Celso Borges desenvolve projetos de poesia e música no palco









Quero que as pessoas  
que adquiram meus livros  
tenham prazer em abri-los,  
em tocá-los e se tornem,  
de alguma forma, mais  
humanos com isso

votaram numa  
pessoa como ele,  
tosca, despreparada,  
que beira a idiotia.  
Mas não estou  
pessimista, acho  
que ele tem os dias  
contados. Fogo nos  
fascistas!, como diz o  
querido Chico César.

**PEQUIÁ** | O acesso

à leitura e o número de leitores no Brasil ainda é  
pequeno. Como investir na formação do público,  
principalmente de poesia?

**CELSO** | O caminho passa necessariamente pela  
educação básica, de boa qualidade, principalmente  
nas escolas públicas, além de bons salários para  
os professores. Tudo isso a gente já sabe, fala há  
muito tempo. É um trabalho de muitas gerações.  
No campo individual, procuro demonstrar verdade  
e entusiasmo por onde ando, nos encontros  
com estudantes e professores. Procuro passar e  
vivenciar a literatura como algo que dá alegria e  
prazer.

**PEQUIÁ** | Qual é o seu cânone de poetas de hoje e





Carlos Augusto Lima, Micheline Verunschik. É uma lista enorme, tô esquecendo de vários essenciais.

**PEQUIÁ** | Numa entrevista a Folha de S. Paulo, Milton Nascimento disse que a música brasileira estaria uma merda...

**CELSO** | Milton foi muito infeliz nessa declaração. A gente tem de saber ouvir e saber onde encontrar música de qualidade. Nas rádios comerciais e nas TVs abertas dificilmente vamos encontrar. É preciso alimentar alguma curiosidade para poder enxergar e ouvir o novo. Muita gente vai perdendo isso. Pra literatura e poesia vale o mesmo discurso, guardadas as devidas proporções, já que a penetração da música é muito maior. Existem muitos bons poetas Brasil afora, em todos os estados. Tenho procurado dialogar com alguns deles. Participo com alguma regularidade de projetos em várias cidades. Não podemos ficar presos só ao cânone do passado. Viva o presente e os artistas que vivem intensamente o seu tempo! 📺







# Memória



## O poeta da Via Láctea entre nós

Texto | José Anderson Sandes

Quando falamos em parnasianismo, logo, logo lembramos um nome que ainda hoje cintila em meio a tantas mudanças tecnológicas, lógicas e científicas: Olavo Bilac. O Príncipe dos Poetas Brasileiros vive entre nós. É que, muitas vezes, mal o reconhecemos.





que os anjos sentem por lá./ Mas fale bem perto,  
baixinho, para eu não acordar”.

Ou o nosso Belchior que, em sua bela Comédia  
Divina Humana, canta:

Eu quero é gozar no seu céu/ pode ser no seu  
inferno/ Viver a Divina Comédia humana onde nada  
é eterno/ Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste  
o senso/ Eu vos direi no entanto: enquanto houver  
espaço, corpo e tempo e algum modo de dizer não/  
Eu canto.

Assim como Belchior e Arnaldo Antunes de hoje,  
o Bilac de ontem escreveu em seu poema mais  
conhecido:

“Ora (direis) ouvir estrelas/ Certo (perdeste o  
senso)/ E eu vos direi, no entanto/, que para ouvi-  
las, muita vez desperto/, e abro as janelas pálido de  
espanto/. E conversamos toda a noite/, enquanto a  
Via-Láctea, como um pálio, Cintila/. E, ao vir do sol,  
saudosos e em pranto/, indo às procura pelo céu do  
deserto”.

Três poetas perdidos no tempo e no espaço, mas  
ligados pela beleza da literatura e da poesia. Num  
mundo em profundas transformações tecnológicas.  
Como também era o de Bilac.

A vida de jornalista de Olavo Bilac foi intensa, bem  
como sua trajetória como poeta. Foi o principal  
nome do parnasianismo, ao lado dos poetas  
Alberto Oliveira e Raimundo Correa. Para Otto  
Maria Carpeaux, foi o movimento poético de maior  
repercussão no Brasil no último terço do Século XIX





Filho do cirurgião do exército, Brás Martins dos Guimarães e de Delfina Belmira Gomes de Paula. Talvez por influência do pai militar, cresceu ouvindo histórias de hinos – ele abraçou, na vida adulta, campanhas como a do serviço militar obrigatório e a da alfabetização. Nacionalista, fundou a Liga de Defesa Nacional, quando realizou várias conferências cívicas pelo País.

Nosso poeta da Via Láctea também escreveu livros e poesias infantis. Esqueceu a complicada estrutura frasal do parnaso e chegou aos corações infantis numa linguagem simples, fugindo das bruxas e



Tenho a maior satisfação em declarar que, sofrendo de uma bronquite pertinaz, fiquei radicalmente curado com o uso do Bromil

dragões, monstros que punham medo nas crianças.

Seus temas eram outros: trabalho, fé, natureza, dever, pátria – histórias em que “a bondade é louvada e premiada”, escreveu ele ao explicar seu conceito de literatura infantil.

A passagem do Século XIX para o XX e do XX para o XXI têm lá suas conexões. O passado não deixa de empurrar o presente. No XIX para o XX, vivíamos as maravilhas das novas tecnologias e de profundas mudanças urbanas – quem não se lembra do não







plataforma do jornal impresso e também do livro, nosso sistema literário.

Foi nessa época de intensas mudanças que Bilac pontificou, também, como grande cronista da Gazeta de Notícias, jornal carioca criado por Ferreira de Araújo, um dos responsáveis pela modernização da imprensa brasileira.

Em 1987, Bilac assume o espaço que era de Machado de Assis. Um espaço muito desejado por ele, não pelo dinheiro, mas pela busca da fama, para ficar ao lado de grandes escritores, como Coelho Neto. Lá escreveu por mais de vinte anos. Segundo um dos seus estudiosos, o professor Antônio Dimas, suas crônicas, ao contrário de Machado, tinham um “olhar bisbilhoteiro e nem sempre certo”.

Crônicas ideologicamente irregulares, segundo Dimas, “fato compreensível para quem não se pautava por credo único, religioso ou político, apontando ora para soluções reacionárias, ora identificadas com o sistema vigente ou para a sua contestação”.

No cenário na belle époque, Olavo Bilac disparava suas crônicas nada “certeiras”, ou melhor o que chamamos hoje de politicamente incorreto.

Em uma delas, escrita em 1907, Olavo Bilac fala da imprensa, ou melhor, de como qualquer governante – de hoje ou de ontem – julga nossa brava imprensa. Isso quando ela não favorece aos donos do poder de plantão.

“Deodoro lia todos os jornais: quando neles





social. E Bilac era engajadíssimo nas causas da República nascente.

Em outra crônica, Olavo Bilac chama a atenção de um problema tão nosso – de ontem e hoje - a educação. Isso no limiar da República, questão que, infelizmente, ainda é um problema crônico do Brasil republicano. A crônica foi escrita também na Gazeta de Notícias, de 1905:

“Não sei se o regime republicano pode florescer e frutificar bem, num país que conta no seu seio mais de dez milhões de analfabetos... O melhor meio de honrar o regime e honrar quem o fundou, é associar à memória do fundador à obra santa da instrução primária”.

O voto era proibido para os analfabetos, mas numa outra crônica da Gazeta, nosso poeta parnasiano assinalava “o que importa é que todo o homem válido, sabendo ler e escrever, queira desse modo afirmar a sua vontade de ser cidadão, ser eleitor, de ser alguém”.

Bilac colaborou com dezenas de veículos, quase todos do Rio e São Paulo. Além da Gazeta de Notícias, ele passou pela A Bruxa, A Cigarra, Kosmos, Correio Paulistano e O Estado de S. Paulo. Em todos deixou sua marca, seu discurso, sonetos e versos fesceninos.

O poeta ganhou a vida ainda como publicitário – reclames em formas de versos para fábricas de velas, fósforos, lojas de tecidos e medicamentos. E cobrava bastante caro quando o reclame tinha a sua assinatura. Um dos mais famosos é do xarope





Alberto, que suspeitava que Bilac seria “um homem arruinado”. Bilac nunca concluiu nem Direito, nem Medicina, duas profissões que almejava na mocidade. Preferiu ser o poeta da Via Láctea. E viver sozinho até o final da vida.

Seu amigo, o cearense Antonio Sales, conta que ele nunca esqueceu Amélia e atribuía o fracasso de sua vida sentimental a esse afastamento no poema “Maldição”.

Próximo à morte, o poeta se refugiou de amigos e do trabalho. Num rápido encontro com Antônio Sales, disse: “Quando me olho no espelho tenho

*Malditas sejas pelo ideal perdido!  
Pelo mal que fizeste sem querer!  
Pelo amor que morreu sem ter nascido!  
Pelas horas vividas sem prazer!  
Pela tristeza do que eu tenho sido!  
Pelo esplendor que eu deixei de ser!*

nojo da minha cara”. Sales explica o motivo: “Pude ver como ele estava com as feições alteradas pela desordem da circulação consequente à miocárdia que o matava aos poucos. A deformação não era, aliás, tão notável; apenas uma certa vermelhidão e turgescência no rosto. Mas era o bastante para o entristecer de seu aspecto. Isso fez supô-lo atacado de lepra, o que é inteiramente falso.”

Olavo Bilac faleceu em 28 de dezembro de 1918. A







# caderno de poesia

**MARTA EUGÊNIA**

*Post Scriptum*

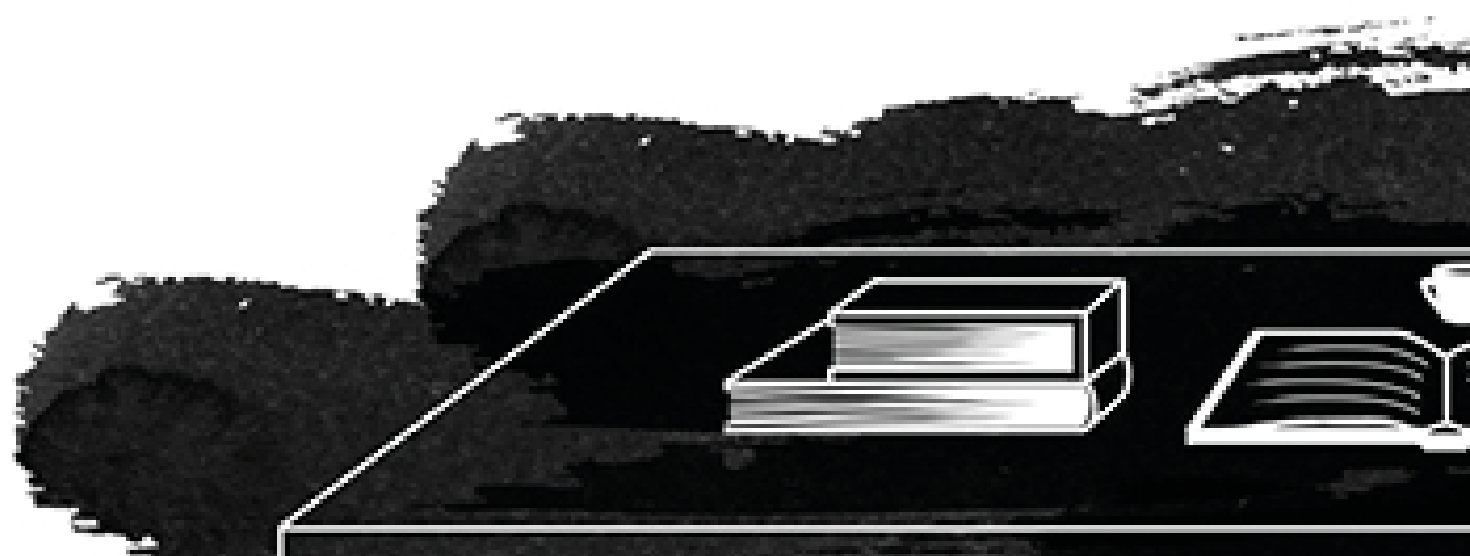
A mesa sustenta livros, papéis, canetas  
e xícaras sujas de café...

- Mãe, cadê as meias? Tenho jogo logo cedo!

Então paro de escrever a poesia

E começo a fazer poesia tirando meias do varal.

Ilustração: Letícia Lima







### *Certas Coisas na Janela*

Meu pai, homem de poucas palavras,  
possuía uma certa ingenuidade cabocla,  
mas nós víamos bússola em seus olhos.  
Lembro-me de suas risadas  
quando pra ele eu lia sobre um auto  
e uma compadecida.  
Depois, nos lembrávamos de nossa terra.  
Histórias de João cambão da Costela do Cão  
que passava na rua  
e a criançada gritava em refrão:  
'João cambão, Costela do Cão,  
trocou a mulher por um pedaço de pão'.  
Certas coisas sempre voltam  
quando abro a janela.

Marta Eugênia publicou o livro  
"Tanto Quanto" (Multifoco,  
2015). É poeta e professora.  
Desde 2017 media o circuito  
de autores do projeto Arte  
da Palavra, em Arapiraca e  
Palmeira dos Índios.









**ANIELLE OLIVEIRA**

*Sobre Nossos Sons e Só*

Sua voz é um prenúncio lindo  
Que nem os primeiros chilreios do dia  
Os ruídos da espera por você  
Desde o desejo até sua aproximação  
Meu ouvido ansioso  
A sinfonia dos suspiros  
A suave percussão em seu peito  
Me concentro em cada sussurro  
Até seu bocejo tão íntimo







Quero todos os sons de sua pele  
Nossos corpos conversam  
A melodia de nosso abraço  
Respiração ofegante  
Soa como canção  
Da paixão e seus sons  
Quero nunca deixar de escutar  
Seu tom de quando diz meu nome  
A afinação de nossos beijos  
Suas mãos sobre mim  
É um eterno ajustar de acordes.

### *Sob(re) o Céu e Limites*

Através da grade,  
O azul banhando o pequeno jardim.  
Flores, folhas, o verde represado  
Por metal e cimento.  
O céu está bem ali, azul, vibrante.  
A gaiola não nos impede de vê-lo e sentir a brisa  
que entra pela janela,

A menos que nosso foco pouse sobre  
o gradil e as paredes.  
Se olharmos, contudo, por entre  
os espaços,  
Veremos que a imensidão nos pertence.





## **DÉBORA ARRUDA**

### *Para que Nunca se Esqueça*

colonizaram o nosso país  
invadiram as nossas mentes  
dominaram a nossa quebrada

mas conquistamos independência  
porque a nossa revolta  
também é armada

os cadernos viraram escudos  
e as canetas, munição  
enquanto derramam o nosso sangue pelas ruas  
a gente transforma as nossas lágrimas em ação

dizem que estamos paradas  
e que pobre não presta pra nada  
respeitem os calos dos nossos pés!  
andamos muito, não tivemos tempo  
para ficar esperando sentada

falam que somos a pior coisa  
que existe dentro da cidade  
mas sabemos quem é que fede  
e o que é o verdadeiro lixo dessa sociedade

estamos vendo merda e sujeira todos os dias  
mas ainda não encontramos nada tão podre







quanto a burguesia

sabemos do que somos capazes  
pois antes de vocês  
nós já estávamos por aqui

homens brancos e ricos  
exterminadores da nação  
destruíram a nossa cultura  
e a matança foi chamada de salvação

enquanto vocês passaram cinco anos  
na faculdade de engenharia civil  
nossa sabedoria ancestral nos fez mestres de obras  
muito antes dessa terra ter o nome de brasil

falam que a nossa produção não tem qualidade  
mas foram as nossas mãos  
que levantaram toda essa cidade

PARA QUE NUNCA SE ESQUEÇA

não foram as balas de borracha  
que apagaram a nossa história  
foram tiros de metralhadora  
que ainda ecoam na nossa memória

é muito fácil você vir me dizer



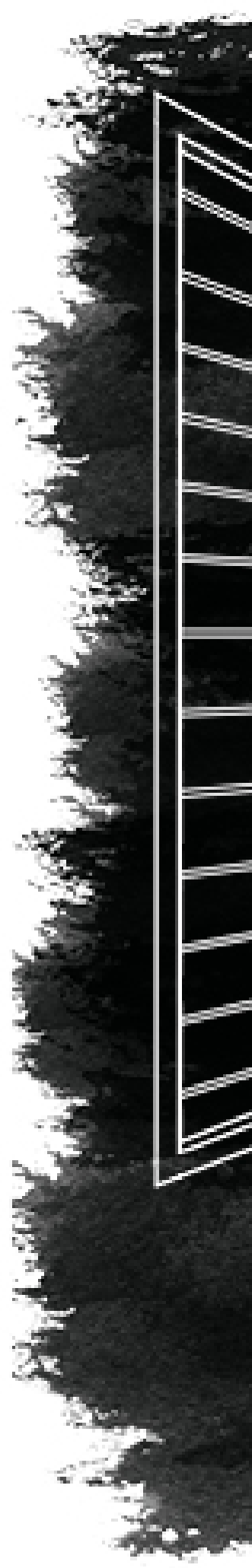


que eu só falo de dor e de violência  
se pra você, que mora na 13 de julho  
o sinônimo de luta é estender uma bandeira  
na janela da sua “humilde” residência

vocês têm medo, por isso não saem dos seus  
prédios  
passam a vida dentro de carros  
com vidros fechados  
mas saibam que é privilégio  
ficar reclamando do tédio

vocês nem sabem o nome do bairro  
onde moram as suas empregadas  
ela é como se fosse da família  
mas enquanto cês tão na mesa  
ela tá sentada no chão  
comendo os restos do patrão

deixamos de ser submissas  
agora somos nós  
as protagonistas das nossas vidas  
criaremos um novo destino  
jamais visto na terra  
vamos trazer a nossa versão dos fatos  
por que dessa vez  
nós é quem vamos vencer a guerra.















## **CELSO BORGES**

### *Feminina*

pra Nina Horta, que me ditou essas lições

naqueles dias o leite pode talhar  
a gordura ficar rançosa  
a carne apodrecer  
melhor não entrar na dispensa naqueles dias  
para não mofar o mel o vinho os legumes

os estrumes perfumam as saias dos demônios  
naqueles dias  
melhor só tocar no que é seco  
as coisas úmidas podem se deteriorar  
não se deve matar os porcos  
principalmente os com acima de 100 kg  
que levam um ano para crescer

naqueles dias talvez o fogo apague os efeitos dos  
fluidos femininos  
é aconselhável não tocar em cremes doces molhos  
tudo que é liga ou emulsão sem fogo desanda  
a maionese o chantilli as claras em neve

naqueles dias embaçam os espelhos  
cortam o brilho do marfim  
escurecem o cobre  
nenhuma jóia sobrevive naqueles dias







e não há registro nos almanaques femininos se há  
mais ou menos poesia naqueles dias

naqueles dias melhor não evitar a poesia

### *Paraíso*

talvez um dia  
quando o buraco dos olhos  
vazar pelos pregos  
enferrujados do amor  
a gente possa cobrir  
o rosto dos sonhos  
com o véu que eva  
secou as línguas de adão

Celso Borges é poeta, letrista e jornalista. Confira entrevista na página 22.









# Curta o Conto

## Um sol morto se arrasta

*Bruno Ribeiro*

Te amo. Encarei o espelho e repeti esta frase quatro vezes. Contei minhas rugas, penteei o que restou dos cabelos brancos, adentrei nos olhos moribundos que me fitavam. Ainda vivo. Havia poeira e cuspe no espelho. Atrás de mim, mictórios quebrados e moscas no ar. Saí, o sol queimou aquilo que chamo de visão. Fui até o posto de gasolina, pedi pra encher o tanque. Entrei na loja de conveniência e comprei duas latinhas de cerveja. 6 reais. O frentista tinha espinhas na cara, era rosado, virgem. Paguei, agradei e entrei no Chevette. Liguei e acelerei, um cheiro de enxofre vazava do cano de escape. Liguei o som: Erasmo Carlos. Balancei a cabeça e deixei que seus acordes conduzissem o percurso.

Chego na casa dela de meio dia. Bato na porta uma vez. Ela abre prontamente.





quarto fazia parte da cozinha que fazia parte da sala que fazia parte do banheiro que fazia parte do todo, incluindo nós dois. O corpo negro da mulher se fundiu com a penumbra da casa e os feixes de luz solar que entram pelas frestas das cortinas perfuram pedaços chaves da nossa carne. Aquêles pedaços escondidos.

Ela dança ao som de uma música sem som.

Eu choro. Te amo.

\*\*\*

Em casa, bebia uísque e fumava cigarros. Matei duas carteiras. Ao meu redor um vazio de móveis, cheiro e essência. Eu, sentado num sofá velho que estava encostado em uma parede branca, descascada, mofada. Um calor tremendo. Duas da tarde. Meu corpo envelhecido e ébrio suave. Olhos piscando. Preparei cinco linhas e cheirei. Ardeu o nariz.

Novou no inferno.

\*\*\*

Saí para comprar mais cocaína. Na rua de sempre, esquina com paredes pichadas, cheia de michês traficantes com sungas enfiadas até o fim da curva, novinhos de universidade, fanáticos por dinheiro e bens materiais, loiros e brancos, negros e trançados, suados, um convênio de anjos tiranos,





O senhor tá surdo?, o anjo grita.

Desculpe.

Vai querer quanto?

30.

O moleque enfiou a mão na sunga, deixou os  
pentelhos negros à mostra e arrancou do vão do  
seu escrotal, umedecidíssimo, o pacote.

Peguei em silêncio e lhe entreguei o dinheiro.

Vai querer mais nada não, senhor?

Não.

Acelerei o carro ao som de seus uivos debochados.

\*\*\*

Você me ama?, perguntei.

Amo tanto que assim que sinto o cheiro do seu  
carro minha buceta começa a pingar.

Você consegue gozar comigo?

Gozo tanto que meus gritos espantam todos os  
urubus que sobrevoam a área. Não sobra um.

O colchão lembrava um oceano, tamanha a  
quantidade das ondas de suor derramadas. Suor  
de tensão, não de tesão. Ela agarrou meu pau. Sua  
mão negra desceu e subiu, subiu e desceu.

Ela enfiou a bocarra e o engoliu.

Senti o estalo da sua goela.

Te amo, disse.

Hmmmmmmmm...







\*\*\*

Um cachorrô começou a me seguir. O chamo de Au Pacino. Peguei o pacote e cheirei: Deus enfiou o dedo lá dentro do meu nariz. Excitei-me. Chorei. Brochei. Caí de joelhos. O cachorrô me abraçou. Tentei passar umas linhas para ele, mas Au é do tipo saudável. Entre uma cheirada e outra, meu nariz sangrou. Lambi o vermelho como canibal, bicho; o sangue tinha gosto de aço. Joguei o pacote fora.

Terminei de desmontar alguns carros e aguardei. Geralmente chegavam alguns bandidinhos pé de chinelo com carrões. Eles sabiam que no meu desmanche eu ajeitava tudo. Arrancava o que tinha que arrancar e deixava o que tinha que deixar, mas neste dia não chegou ninguém. Ficamos eu e Au Pacino observando o sol, redondo tirano, descer com sua hecatombe fervida, fugindo do inferno que criou na terra, escorregando até deixar de existir e ser substituído pelo negrume da noite, que vem acompanhado da lua minguante e algumas pouquíssimas estrelas que ousavam iluminar este fim de mundo onde vivemos. Au Pacino latiu e eu sorri. Estávamos felizes.

Era hora de vazar desse trampo insistente e exaustivo. Meu filho que mora lá no sul diz que eu





mais aposentadoria neste limbo, já era. E é sério que você, justo você, vem falar de aposentadoria comigo? O que vocês fizeram é de uma escrotidão... Aí ele manda um beijo pra mim e desliga. Cuspo no chão: sai preto. Entrei no carro com o Au Pacino. Liguei. Aumentei o som. Acelerei. Cheguei em casa, o cachorro começou a correr pelo espaço deserto de vida e móveis do lar. Sentei no sofá, único objeto vivo da minha casa, abri uma cerveja, acendi um cigarro, aguardei o sino da igreja tocar uma, duas, três vezes, para pontuar meia noite e eu poder simular um sono em paz. Um sono ou uma morte, tanto faz. Os sinos não paravam de tocar em minha cabeça, ecos de fé, eternos, desafinados, insones; nunca há silêncio nesta terra que se arrasta, nunca. ■













# Curta a Crônica

## **Perder-se. Encontrar-se.**

*Marco Severo*

Li num conto da escritora argentina Silvina Ocampo que depois de muitos papéis rasgados, de objetos perdidos, de afetos desfeitos, a vida fica mais leve. Pensei sobre isso um instante e declarei em silêncio: perdas. Perdas necessárias. De imediato, lembrei de alguns percursos da infância.

Haviam me dito que eu ia começar a estudar, e que isso era bom. Também me foi dito que eu ia fazer muitos coleguinhas e que a tia ia me ensinar coisas novas. Isso me foi dito pela minha mãe, que sabia do meu espírito curioso. Eu queria fazer novos amigos, mas fiquei desconfiado com essa história de tia – eu tinha várias, todas irmãs de minha mãe. Qual delas seria?

Descobri muito rapidamente que era uma tia nova, que só me davam a conhecer naquele dia.





onde ficaríamos durante o recreio, eu descobriria pouco depois.

Olhando de baixo para cima, meu pai era um gigante. Foi desse gigante que veio um abraço acolhedor: pronto, eu estava protegido, ninguém ia me obrigar a ir com aquela mulher. O que eu ouvi, no entanto, não era bem o que eu queria: Escute, meu filho: papai tem que ir trabalhar, você precisa ir com a tia Rosana. Na hora do almoço eu estou de volta e a gente vai almoçar em casa, tá bom? Mas eu tinha acabado de tomar o café da manhã! O horário de almoço parecia a mim que ia demorar tempo demais. Mas havia na fala do meu pai três palavras mágicas: eu estou de volta. Ele vivia dizendo que era o meu melhor amigo, e eu acreditei. Já levava comigo no peito a certeza de que melhores amigos não mentem. Nem desaparecem.

O tempo passa.

O natal se aproximava e eu disse ao Papai Noel que queria ganhar uma bicicleta. Tinha olhos para tudo, mas não vi quando meu pai e minha mãe receberam um bilhetinho onde estava escrito “bicicleta”, que foi o que acabei ganhando dias depois. E fiquei feliz porque aqueles ainda eram dias de contentamento.

No dia seguinte, meu pai estacionou o carro na rua







certa vez que somos livres, e este é o inferno. A multiartista Elke Maravilha tinha opinião mais contida: só somos livres para escolher a gaiola onde queremos estar. Percebi que vivia comigo um homem que havia escolhido ser pai ao longe. Muitos anos se passariam até que eu compreendesse o que vai na alma das liberdades individuais, e que existir de longe também é uma escolha. Aprendi a andar de bicicletas sem as rodinhas com um vizinho, a dirigir, anos mais tarde, com um professor de auto-escola. Era do conjunto dos meus desejos que meu pai fosse mesmo meu melhor amigo, como prometido desde sempre, mas o distanciamento se fazia no construto das solidões. Havia instantes em que ele se esforçava para estar lá, mas, sendo ele próprio um homem só, não sabia educar para ser junto, condenando forçosamente os que estavam no seu entorno ao mesmo destino.

Observei com o passar do tempo que eu não era o único a crescer perdido. O filhote de uma vaca, de uma galinha, de um cavalo – todos aprendem a andar sozinhos, a se virar com poucos dias de nascido. O ser humano, não. Somos a única espécie completamente dependente de seres adultos para que não pereçamos. Mas perder-se também é caminho, e a gente se encontra é colocando pé ante







perguntas feitas a mim com um gravador diante do meu rosto, para que eu pudesse me reconhecer, tempos depois, na voz daquela criança; os LPs ouvidos juntos, enquanto meu pai tomava uísque e eu, refrigerante; o sagrado périplo aos sábados pelo centro de Fortaleza – e a certeza da recompensa de tanto suor ao final, quando tomávamos uma legítima cajuína – a inventada por Rodolfo Teófilo – geladíssima ao pé do balcão de um bar qualquer. Estávamos sempre juntos, mas fragmentados. Eu tinha para mim o pai possível. Desfiz-me, então, daquilo que pulsava como





# Rese nha

## **Brasil torto e arado**

*Por Bibiana Belisário*

Torto arado, romance do baiano Itamar Vieira Júnior, carrega em seu cerne a metáfora de um país que nunca conseguiu resolver seus déficits sociais. Narrado a partir da perspectiva feminina, o autor conduz as vozes de Belonísia e Bibiana, personagens que vivem quase em simbiose, numa sedutora narrativa poética dividida em três partes. Itamar foi o vencedor do Prêmio LeYa de Romance no ano de 2018 e é o segundo brasileiro a arrebatá-lo, conquistando a mídia e crítica lusitana por unanimidade. O mineiro Murilo Carvalho venceu a primeira edição do concurso literário com o romance O rastro do jaguar.

A obra que chega ao leitor brasileiro pela Ed. Todavia (SP) bebe da herança dos clássicos e aparece em consonância ao sertão de Guimarães Rosa, onde o mundo dos personagens, não é um lugar que transmite a miséria, mas sim o cenário ideal para a reflexão sobre







com destreza uma criança atravessada, malencaixada, crianças com os movimentos errados para nascer”. Sob a cama está guardado o assombro que deixa um marco divisor na vida das personagens. O acontecimento termina por emudecer uma das irmãs e as tornam ligadas pelos sentidos que se aguçam, afinal “...a que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar”.

Sob o influxo de um cotidiano estigmatizante, na fazenda Água Negra os trabalhadores viviam “como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso”. As irmãs de ascendência escrava contam como foi nascer e crescer no seio de uma família de trabalhadores rurais no sertão baiano, onde mesmo depois de quase dois séculos da abolição, as práticas escravocratas e as opressões no campo, como a falta de recursos e opções, a grande mortalidade infantil e o sexo com fim reprodutor, são contextos que ainda fervilham em seu meio.


Belonísia, de personalidade paciente e tolerante, permanece ao lado do pai - Zeca Chapéu Grande, a haste que sustenta a fazenda e carrega a vitalidade da germinação com seu dom de curar a saúde do espírito, o corpo dos aflitos e a mente dos perdidos. Enquanto isso, Bibiana se descobre refratária àquele mundo de exploração, seguindo outro rumo que lhe custa grandes despedidas. Com toda atemporalidade que





como seus mentores espirituais e os alivia da atmosfera de adaptação ao inóspito que nunca parece sair de cena.

Em uma das celebrações no Jarê de Zeca Chapéu Grande, a entidade Santa Rita Pescadeira se apresenta. Parece caminhar junto a narrativa inteira como o seu próprio espírito. A última parte do livro, onde as linhas se dão pelos olhos da encantada, vem carregada de críticas às imposições religiosas que até hoje sofrem as comunidades quilombolas. Um pastor - candidato a vereador -, chega ao povoado para celebrar um culto, segregando culturalmente e gerando impactos diretos na identidade coletiva do lugar.

O romance político traz uma procissão de lembranças ainda acesas da subserviência que nunca se desassociou do imaginário de um Brasil sentenciado ao atraso, que partilha as sobras de um sistema apartado. Itamar conseguiu transitar em realidades. Passado, presente, arcaico, moderno. Mostra a condenação de um destino nacional nunca revogado e traz o eterno embate com os antagonismos brasileiros, mostrando a fertilidade da paisagem para os sensíveis explorarem. A voz autoral imposta pelo autor se sobressai como um novo horizonte clareando a cena atual da literatura brasileira. O lirismo envolvente em sua narrativa ensina a maneira de ser observador de seus próprios personagens, escorrendo até o limite entre os mistérios que ali povoam. 

*Bibiana Belisário é gestora cultural e estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri - UFCA.*





# biblio|canto



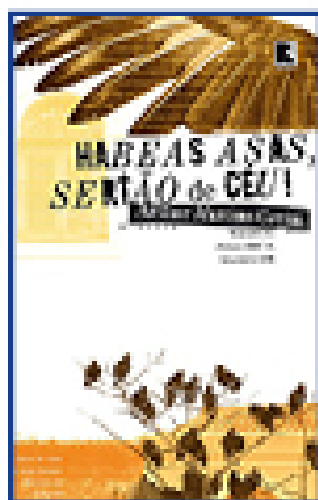
**Livro: Os Miseráveis**

**Autor: Victor Hugo**

**Editora: Cosac Naify**

Edição do bicentenário de Victor Hugo (1802-1885). Um panorama completo de Paris e da França em meados do século XIX. O fio

condutor é o personagem de Jean Valjean. Por ter roubado um pão para alimentar a família, ele é preso e passa 19 anos na prisão. Solto e tomado de ódio por causa da rejeição social que experimenta, é acolhido por uma noite por um bispo. O encontro transforma radicalmente sua vida e, após mudar de nome, prospera como negociante de vidrilhos, até que nova reviravolta o reconduz à prisão.



**Livro: Habeas Asas, Sertão Do Céu**

**Autor: Arthur Martins Cecim**

**Editora: Record**

Romance mítico, em que as vidas dos homens são complexificadas com as vidas dos pássaros. Habeas Asas, sertão de céu! é uma parábola, na qual elementos sagrados e profanos, mundanos

e supramundanos, coexistem como um só, vistos no mesmo espelho da alma. O livro é uma busca pela bem-aventurança na terra. Ele fala de um sertão da alma, que habita em todos nós, todos os seres do universo. Livro vencedor do Prêmio Sesc de Literatura em 2010.











